

GRUPO DE PAIS DE ADOLESCENTES

Angela Martines Miranda¹

RESUMO

O presente trabalho relata a experiência de um grupo de pais de adolescentes pertencentes a uma escola particular. Teve por objetivos a abertura de um espaço de reflexão aos pais de alunos com queixa de dificuldades no relacionamento com os filhos, bem como a pertinência e adequação deste tipo de trabalho como instrumento de busca na melhoria nas relações pais e filhos a partir da troca de experiências e reflexão crítica.

Este estudo abordou um grupo de oito pessoas, sete mães e um pai. A técnica grupal utilizada foi a dos Grupos de Reflexão e a abordagem para o desenvolvimento dos grupos foi a psicodinâmica. O enquadre foi adaptado as condições da instituição onde o grupo foi realizado. Os resultados obtidos revelaram que, dentro do espaço grupal, os pais foram capazes de reconhecer elementos causais das dificuldades atuais na relação com os filhos. Eles foram motivados a fazer uso do pensamento e busca de soluções para seus conflitos. A tarefa proposta propiciou coesão grupal, criando uma atmosfera de solidariedade e continência para que os pais pudessem se expor. As trocas de experiências, o processo vivencial no grupo e as aprendizagens que ocorreram mostraram que este modelo de intervenção se constitui num recurso adequado para revelar estados emocionais e possibilidade de mudanças.

PALAVRAS CHAVE

Grupo, pais, adolescentes.

ABSTRACT

This work is about na experiment made with a group of parents of adolescents at private school. Its aim was not only to open some room for reflection from parents who had trouble relating with their children, but also to adjust and fit them into this opening in order to search for betterment

¹ Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia Educacional – PUCCAMP. Professora da FAAT nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação.

in the parent-child relationship based on both the sharing of experiences and a critical reflection. This experiment was carried out with eight people- seven mothers and one father. The group technique applied in this case was of the Reflection Groups and the approach used to develop the groups was psychodynamics. The work had to be adapted to the conditions of the institution where it was held. The results have proved that the parents- as part of the group- were able to recognize some of the elements that make the parent-child relationship so difficult nowadays; they were incited to think over and search for the proper solutions for their conflicts. This task propitiated a clanship, thus creating an atmosphere of solidarity and continence so that the parents could reveal themselves. The sharing of experiences, the living process of the group, and the learning process itself have showed that this intervention model is, beyond any doubt, an appropriate source for unveiling emotional atates and possible changes.

KEY WORDS

Group, fathers, adolescents.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar novas alternativas de intervenção na instituição escolar que possam operar na qualidade dos vínculos. Pensamos que o grupo pode desempenhar o papel de organizador social de espaços de experiências. Como nos diz Kaës (1976) o grupo é a formação intermediária que no seio da instituição (família, escola, etc.) vincula entre si os sujeitos, de modo que possam depositar nela seus desejos reprimidos e encontrar meios de realização substitutiva. Deste modo, os sujeitos se ligam à instituição, ao seu ideal e ao seu projeto. Pensamos que a ausência de experiências com grupos nas instituições escolares pode afetar o equilíbrio psíquico das ansiedades depositadas no vínculo e se debilita a confiança no projeto de trabalho. Por isso, é importante compreender permanentemente as relações que se estabelecem entre os pais e filhos, e destes com a escola.

Apresentaremos os resultados obtidos neste estudo, que foi realizado a partir de uma experiência com grupo de reflexão

(modelo proposto por Delarossa,1979) de pais de adolescentes de uma escola particular na cidade de Atibaia-SP. Foram realizadas doze sessões na própria escola, com uma hora e quinze minutos de duração cada, com sistemática semanal. Participaram sete mães e um pai, que se inscreveram espontaneamente. As inscrições foram abertas os pais que tivessem filhos da 5ª à 8ª série. Ficou aberta a participação de pais e mães, porém não houve inscrição de casal. Inscreveram-se sete mães que são casadas e vivem com seus parceiros e um pai que é separado e tem a guarda da filha.

Este grupo foi proposto pela escola e pela psicóloga que coordenou o grupo, com objetivo de refletirem e analisarem seus problemas na relação com os filhos adolescentes, e confrontarem com as dificuldades dos outros pais, como forma de buscarem novas formas de relação a partir da compreensão das vivências atuais. A experiência obtida com a realização desse trabalho, tanto em relação à técnica utilizada na condução do grupo, como à análise efetivada a partir do material coletado, trouxe-nos novos elementos acerca da aplicabilidade da técnica grupal com pais no espaço da instituição escolar, revelando-se muito útil no sentido de possibilitar uma ampliação da compreensão dos estados afetivos que ocorrem na relação pais e filhos. Procuraremos discutir acerca do que percebemos no processo de trabalho com este grupo para termos a noção de um todo. Temos clareza que diante da pluralidade de sentidos e interpretação, muitos aspectos poderão ficar para serem desvendados.

Os pais do grupo puderam trazer tantos aprendizados, que vemos como fundamental registrá-los e torná-los públicos. Esta experiência permitiu estabelecer, viver e elaborar relações de objeto, modalidades identificatórias e vias de realização do desejo.

Esperamos que este estudo possa servir a outros profissionais que trabalham com grupos e nas escolas, que possam ter uma compreensão mais ampla dos conflitos que os pais vivenciam no seu dia a dia, na relação com seus filhos

adolescentes, e mais do que isto, as saídas que encontraram para um melhor relacionamento.

Fizemos uma divisão e análise deste estudo em três partes: da relação pais e filhos, do processo grupal e da vivência do coordenador. Utilizamos o referencial teórico psicanalítico e das psicoterapias grupais com base analítica.

1. Da relação pais e filhos

Os pais que formaram o grupo de reflexão, de um modo geral, chegaram ao mesmo com considerável nível de experiência de grupo em suas vidas, com experiências relacionadas com os filhos, família de origem, trabalho. A fala dos pais voltou-se para a temática proposta, ou seja, as preocupações relacionadas aos filhos adolescentes: as relações estabelecidas, a compreensão do desenvolvimento, o modo de agir e pensar, as diferenças de idade e sexo, a colocação de limites, posturas mais adequadas, definição da sexualidade, o medo da separação.

Ao chegarem ao grupo falaram das incertezas que têm e da dificuldade de compreensão quanto aos filhos e quanto a eles próprios. Mostraram todo esforço para participarem do mundo do filho através de tentativas de diálogo aberto, mas sentem o distanciamento que vai sendo criado nesta etapa da vida, e ficam incertos se isto ocorre por dificuldades deles (pais), ou por dificuldades dos filhos. No processo de trabalho puderam integrar estas partes, podendo observar o que é de cada um. Trouxeram a incerteza quanto a educação que passam aos filhos, se estão certos ou errados, colocando em julgamento o modo de serem pais, afinal é uma nova vivência para eles, mesmo para aqueles que têm filhos maiores e que já passaram por esta fase percebem que cada vivência é única e exclusiva. Eles sabiam ser pais de crianças pequenas e dependentes, mas agora ficam incertos e temerosos, preocupados e desesperados porque não sabem se o que oferecem pode ser útil, ou totalmente desprezível, como muitas vezes sentem.

Com o decorrer do processo de trabalho no grupo, percebem que há dificuldade em lidar com a separação de filhos dependentes para independentes, e que há dor e sofrimento nesta vivência, tanto para eles como para os filhos. Eles correm o risco de perderem a função de pais e, conseqüentemente, a própria identidade. Se deixam de ser os protetores e controladores, o que lhes resta em relação aos filhos? Estas preocupações fazem com que comecem a buscar uma nova compreensão dos fatos e, mais do que isto, uma reorganização interna da função pai e mãe, o lugar que devem ocupar na vida dos filhos adolescentes, e fazem isto, não somente contando o que acontece neste momento, mas relembrando a própria história como adolescentes que foram. Para estarem como pais de adolescentes precisam do reconhecimento da subjetividade de dois sujeitos: pai (mãe) e filho. Os filhos têm que deixar de ser a tela de projeções dos pais, dos anseios depositados neles. Precisam utilizar outros mecanismos que não sejam mais os de ataque, cisão, idealização, que tanto comprometem o reconhecimento deste filho como um indivíduo único, separado deles pais. Precisam passar de uma relação fantasiosa de poder, controle e satisfação narcísica, para uma relação real, onde os filhos ainda precisam de certos cuidados e preocupações dos pais, porém, com um certo distanciamento. O respeito às novas idéias, que vão se formando, diferentes das idéias dos pais, mostram a percepção de que são diferentes.

Após tantas vivências experienciadas e lembradas, o resgate da própria vida de adolescente, a troca de idéias com os parceiros do grupo, as verbalizações espontâneas no grupo, o ouvir e ser ouvido, o olhar e o ser olhado, levou-os a dar o aval último da sexualidade a eles próprios e aos filhos. O auge do trabalho foi a compreensão de que seus filhos são sexuados, que estão em fase de definição sexual, e que este é um fator determinante para saberem se tiveram sucesso ou não nas relações estabelecidas com eles. A menina tornando-se mulher e o menino tornando-se homem, pareceu representar para os pais um sinal de sucesso, mas isto é vivido com muitas angústias e ansiedades, afinal isto significa que os filhos

buscarão seus parceiros sexuais, e não investirão tanta libido neles. Perceberam isto, mas como os filhos estão em desenvolvimento, correm o risco de fracassarem, caso os filhos venham a definir-se sexualmente como homossexuais. Deparam-se com o fato de que os filhos estão ingressando no seu próprio mundo, e que neste mundo cabem pais diferentes daqueles pais infantis.

No decorrer deste processo entraram em contato com o adolescente que foram, que parecia encoberto pela personalidade adulta. Desvelaram-se aspectos que haviam esquecido em suas histórias de vida, que não permitiam reconhecer: inabilidade para lidar com separação e afastamento, temores quanto ao envelhecimento, as escolhas que fizeram no decorrer da vida, medo da perda de poder e controle, medo da perda de amor e reconhecimento, e tantos outros, que só puderam ajudá-los a compreender os filhos, e aceitá-los como indivíduos separados deles. Percebemos que os pais, em seu desenvolvimento, têm uma falta de lembrança do que foi vivido na própria adolescência, e no grupo puderam relembrar a sua história, não somente os fatos, mas também as emoções. Isto foi um fator fundamental para compreenderem os próprios filhos e a eles próprios: o reconhecimento de que passaram pelas mesmas vivências que os filhos estão passando, as escolhas que fizeram em suas vidas como resultado das experiências como adolescentes, a busca incessante pela individualidade, o desenrolar da sexualidade, os desejos, a formação corporal, as idéias predominantes, e tantas outras. Enfatizaram que as vivências que tiveram na adolescência nem sempre foram permeadas de afeto e compreensão de seus pais, e o quanto isto dificultou suas vidas, sendo assim também precisam de cuidados para desenvolverem as suas capacidades e potenciais como pais.

Moreira (1996) fala com ênfase da importância da imagem internalizada de um bom pai e mãe no mundo emocional do indivíduo, e o quanto isto determina caminhos futuros. Estes pais mostraram que querem ser bons para seus filhos e que para isto precisam de um lugar para refletir e aprender. Percebemos o sofrimento que sentem neste processo:

o desprender-se de velhos modelos introjetados, entrar em contato com vivências tão esquecidas, a tomada de consciência dos aspectos bons e ruins de suas vidas, buscando integrá-los para um novo posicionamento na relação com os filhos.

Foi muito significativa a presença de um homem no grupo que foi aceito pelas mulheres em função de exercer a função de cuidados exclusivos da filha. Colocamos isto porque nos chamou a atenção de outros pais não se inscreverem para participarem do grupo, uma vez que isto estava previsto na abertura das inscrições. Em nenhum momento este pai interferiu no sentido de colocar limites no grupo, ou seja posição do masculino, e sempre se posicionou de acordo com as colocações feitas pelas mães. Isto nos levou a pensar que as mulheres tendem a assumir os cuidados dos filhos e deixar os pais fora desta relação. As mulheres queixam-se da ausência dos pais no dia a dia na relação com os filhos, sentem-se sobrecarregadas, sozinhas, porém parecem colocar impedimentos para aproximação deles e aceitar as posições diferenciadas que podem ter em relação à educação dos filhos. Pensando na família também como um grupo, será que não se faz necessário um espaço preservado para refletirem constantemente sobre o que querem de suas vidas e na relação com os filhos? E, mais do que isto, buscarem juntos (pai e mãe) um novo posicionamento como cônjuges? Afinal os filhos irão aos poucos embora.

2. Do processo grupal

Ao ver este trabalho com os pais, percebemos que eles chegaram muito regredidos, expressando incessantemente a necessidade de serem orientados e dirigidos, com dificuldade de pensar e lidar com os próprios conflitos. Esta dependência na coordenadora, como bem nos colocou Bion (1975), reflete o quanto precisam de ajuda para poderem amadurecer como pais, de pais infantis para pais de adolescentes. Durante o processo vão vivenciando os pressupostos de fuga e luta, quando as situações são extremamente conflitantes em relação às vivências com o próprio grupo, tentando negar os conflitos

ou mostrando o quanto conseguem resolvê-los, e emparelhamento quando procuram soluções e criação de novas experiências nas relações estabelecidas.

Entendemos que estas pessoas têm suas carências, conflitos não elaborados em suas próprias vivências como adolescentes, e que isto foi revivido na situação grupal. Os fenômenos percebidos e analisados nos levou a pensar sobre “quem são os pais de adolescentes?” e “ainda podemos continuar esperando deles um saber total?” ou “podemos vê-los como pessoas em desenvolvimento e que não têm respostas prontas na relação com os filhos?” No grupo tiveram a oportunidade e um espaço preservado e assegurado pelas regras de funcionamento grupal, para falarem e expressarem seus conflitos com profundidade. Demonstraram a necessidade de respostas rápidas, com isto ficaram mobilizados a contarem as situações de vida. A vivência grupal trouxe esta possibilidade de ser um espaço afetivo e continente, onde cada um pode falar de si, pode ser olhado em sua individualidade (COELHO, 1997). Com esta maneira parecem aprender a olhar o outro e conseqüentemente seus filhos em suas individualidades. No grupo puderam colocar suas imagens interiores e angústias. Como nos diz Anzieu (1993), o grupo é um lugar de fomentação de imagens internalizadas, e que expressas podem ser compreendidas e analisadas. No grupo os sentimentos invadiram as pessoas; a expressão de seus desejos, medos, angústias, ora os excitaram ora os paralisaram, apontando que são seres em movimento, dinâmicos, e que precisam conhecer estes mecanismos para qualquer processo de mudança em suas vidas. O ser humano existe pelo sentimento de sua unidade, corpo e psiquismo, e em sua formação há uma imagem real e imaginária (ANZIEU, 1993) que precisa ser desvelada para compreensão das formas como se colocam no mundo e nas relações que estabelecem. A partir das trocas que foram efetuadas entre as particularidades de cada um do grupo, muito pode ser reelaborado e transformado, e isto pudemos perceber nas últimas reuniões, em que foram apresentando as compreensões que tiveram sobre si próprios, e sobre os filhos.

O grupo pareceu fornecer um ambiente social tangível para a descoberta e experimentação de novos e mais satisfatórios modos de relacionamentos, assim como já colocou Soifer (1992) em trabalhos realizados com grupos de crianças. Passaram de uma posição esquizo-paranóide, onde sentiam-se ameaçados ao colocar em evidência seus pontos fracos, para uma posição depressiva onde foi possível superar muito de suas angústias, da imagem fragmentada que tinham de si, para uma totalidade, onde podem surgir sentimentos positivos e destes ações e pensamentos mais ajustados. Pode nascer um corpo vivo no grupo, segundo a metáfora de Anzieu (1993), que tem uma unidade e que proporciona o pensamento ativo, dinâmico, e gerador de transformações. Partindo desta metáfora, pensamos que no grupo familiar há esta vivência de unidade pais e filhos e quando vai havendo o desprendimento dos filhos (membros do corpo) pelo próprio crescimento e busca de identidade. É como se este corpo despedaçasse e isto faz com que sofram muito pelo medo de aniquilamento, que deixem de existir. Há surgimento no grupo da angústia da unidade perdida, fazendo ressurgir fantasias mais antigas e primárias de desmembramento. É como se fossem ficar despedaçados, como nos diz Anzieu (1993). Os pais foram percebendo que mesmo os filhos saindo e se distanciando, este organismo (corpo), sendo vivo, tem a possibilidade de manter sua unidade e integridade de uma nova maneira. No grupo puderam viver entre eles esta experiência de separação, saindo inteiros com novas propostas de vida, até mesmo a criação de espaços para se cuidarem e refletirem sobre suas vidas além da questão da paternidade e maternidade.

Os pais do grupo perceberam suas próprias histórias, seus limites, preconceitos, concepção de educação, e principalmente o potencial que possuem para resolver dificuldades. Eles próprios foram resolvendo os dilemas apresentados e pareceu que aos poucos sentiam-se menos culpados por qualquer fracasso que julgavam ter como pessoas. Isto mostrou-nos que puderam sair da posição de filhos dependentes, para assumir com maior tranquilidade a

função de pais, responsáveis pelas ações. Puderam vivenciar no grupo a multiplicidade de determinações das dificuldades nas relações que estabelecem (não somente com os filhos), que determinam o modo de ser atual. Puderam desmistificar a onipotência que cada um traz consigo, tendo um reconhecimento das reais possibilidades e limitações, levando-os a pensar, trocar idéias, ser mais verdadeiros. O grupo pareceu propiciar com que lidassem com verdades, sobretudo aquelas mais desagradáveis, reconhecendo-as, ouvindo-as e procurando avaliá-las de formas diferentes do habitual. As falas muitas vezes foram repetitivas, assim como fazem em suas vidas, mas mostraram-se criativos ao proporem novas formas de se posicionarem com os filhos e com os cônjuges. Puderam aprender a aprender, a partir do pensar, refletir, reparar, elaborar, tarefa muitas vezes recusada pelas pessoas.

3. Da vivência do coordenador-psicólogo

Relatar e analisar um manuscrito que leve a compreensão dos processos mentais conscientes e inconscientes do grupo nos conduz a interrogarmos sobre a posição fantasmática que ocupa o psicólogo - coordenador deste grupo, assim como colocou Kaës (1976). Percebemos que este funcionou como um depositário experimentador e experimentado de vivências emocionais. Deparou-se com um fato inevitável na situação grupal que é a presença real dos outros, que não são virtuais personagens de um relato, e sim pessoas reais, que anteciparam, acompanharam e determinaram caminhos. Foi uma situação especial onde coordenador e pais estavam sentados em círculo, cara a cara, trocando palavras, sentimentos, histórias de vida, gestos e movimentos, situação que por si só provocou uma infinidade de fenômenos que pareciam ocultos nos conteúdos manifestos. Além dos assinalamentos, apontamentos e esclarecimentos do coordenador, a riqueza do trabalho deu-se pelo fato dos pais terem participado de uma maneira ativa, opinando, aconselhando, propondo, criticando sobre a fala dos outros. Puderam interpretar, atuar, responder, interferir de múltiplos modos, criando um campo dinâmico de reflexão, pensamento

e criação de novas experiências. Todos estes elementos pareceram nomear a dramática dos papéis e possibilitou outro nível de simbolização, diferente das experiências já vividas por este grupo de pessoas. Cada um ofereceu-se como um doador de significação e funcionou como um espelho reintegrante, assim como nos diz Bèjarano (1978) que “toda demanda de saber encontrará um outro que se oferece como doador de significação”. Neste grupo não foi diferente, ali estavam coordenador e pais para exercerem esta função. Isto fez com que as transferências e contratransferências não ficassem somente depositadas na pessoa do coordenador. A presença dos outros permitiu um jogo cênico onde tornaram-se objetos de projeções, introjeções, identificações, objetos de escolha e negação, objetos de desejos e rivalidades. Percebemos o grupo como um nó atravessado de inscrições desejantes, conduzindo a uma ilusão da realidade, que criou um universo que pode aproximar o coordenador dos membros do grupo, dando espaço para o descobrimento de tantos aspectos que pareciam encobertos.

Olhando para cada um dos integrantes, escutando-os, assinalando, buscando significados, pareceu propiciar a busca de um caminho para a separação necessária deles com o grupo e deles com os filhos, para o amadurecimento e crescimento necessários para a busca de novos posicionamentos nas relações pessoais. A coordenadora teve função de sustentáculo do enquadre e foi constituinte do grupo como instrumento, pode olhar e ser olhada, condição esta que antecipou e acompanhou a escuta. Para isto foi necessário um delicado equilíbrio e plasticidade de imersão nos climas tranferenciais e contratransferenciais, porém nem sempre teve a capacidade de absorver tudo pela quantidade de estímulos, e segundo Kaës (1976) “são múltiplos gestos, olhares, movimentos, projeções, que sobrepõem a capacidade do analista absorver,... imaginem o impacto contratransferencial de tantas olhadas?”. Muitas vezes isto invocou a um enfrentar o grupo por contra identificação projetiva para aliviar o excesso de emoções e angústias, para redução de energia, embora também tenha possibilitado o grupo para busca e pensamento criativo. Anzieu (1993) fala em relação ao coordenador de grupo que

“a transferência se dirige a ele senão como alguém questionado pela situação grupal”, e ressalta que o analista não é somente quem anuncia as regras de funcionamento grupal, mas é fundamentalmente aquele que constitui o grupo como instrumento, que tem uma finalidade e objetivo, ou seja, é nele que é depositado uma série de fantasias e expectativas. Mas como já comentamos, no grupo isto não fica depositado somente no coordenador. Percebemos que no início do grupo sim, mas com o decorrer do processo isto foi sendo distribuído para todos os integrantes e cada membro passou a ter um papel co-terapêutico, não ficando reduzidos a suportes imaginários.

As colocações da coordenadora tenderam a ocorrer a nível coletivo, porém muitas vezes foram individuais. Seu papel essencial foi de ajudar os participantes a reconhecerem o que estava sendo vivido em determinada situação, levando-os a descobrirem este jogo de espelhos, que Anzieu (1993) denominou ilusão grupal, reintroduzindo a dimensão da busca, pelo efeito da desilusão, para passarem da vivência do imaginário grupal, para uma vivência real. Os assinalamentos muitas vezes foram precipitados, porém não pareceram ser obstáculos para a função potencializadora e transformadora do grupo.

Em relação aos registros percebemos que possuem lacunas - foi anotado o que se pode ouvir e ver, mas raramente as posturas, olhadas, tonalidades de voz. Certos intercâmbios deixaram de ser expressos nestes registros, mas pudemos falar e analisar estas emoções sentidas nestes momentos de tanta riqueza. Percebemos que há um aprendizado que não é somente dos pais participantes, mas para o coordenador que vai aprofundando neste tipo de trabalho com grupos.

Esperamos que através deste processo que vivenciamos, os pais possam ter percebido outros significados para suas vidas, e principalmente na relação com seus filhos, que foi um dos propósitos deste trabalho.

Considerações finais

Este modelo de ação representou o que consideramos um sistema democrático. O trabalho com grupos homogêneos

(grupo de pais de adolescentes), pertencentes a iguais níveis, permitiu o expressar-se individualmente e em conjunto, reforçando a coesão para atingir objetivos, neste caso, a qualidade do vínculo pais e filhos. Os pais puderam confrontar-se com diversas dificuldades que permitiram pensar que suas ansiedades não são exclusivas e que a partir do compartilhar e refletir puderam compreender e buscar soluções para conflitos geracionais. Este trabalho nos fez acreditar na proposta de aliar a vivência grupal à instituição escolar. Pela demanda que as escolas têm trazido em relação às dificuldades dos pais em lidarem com seus filhos, evidencia-se a necessidade de criação de espaços onde eles possam falar livremente sobre o vínculo com os filhos, enfim, suas experiências dentro do processo de vida afetiva. Observamos que os pais são capazes de reconhecer alguns elementos causais das dificuldades atuais com os filhos na própria história de vida, e vemos que o grupo de reflexão pode proporcionar estas percepções. Segundo Kaës (1976) “o grupo e a formação intermediária que no seio da instituição vincula entre si os sujeitos, de modo que possam depositar nele seus desejos reprimidos e encontrar os meios de realização substitutiva”. Sendo assim, as pessoas ligam-se à instituição, ao seu ideal e ao seu projeto. Desta maneira compreendemos que os pais que matriculam seus filhos numa escola, não somente esperam dela um espaço de aprendizagem cognitiva dos filhos, mas também aprendizagem afetiva.

O grupo de pais foi um espaço privilegiado para reflexão sobre as relações em geral, ou seja, com os filhos e com a escola. Este modelo de intervenção, o grupo de reflexão, mostrou-se adequado para revelar estados emocionais dos pais na relação com os filhos, descobrindo formas criativas de lidar com esta etapa de suas vidas. O fato de ter um número de reuniões pré-determinadas, possibilitou a permanência sistemática das pessoas, mostrando-nos que um projeto com início, meio e fim possibilita uma organização das famílias para criação de espaços de reflexão em suas vidas. Com esta experiência puderam compreender os processos motivados na relação com os filhos e percepção de que há limites para eles. Outro aspecto observado é que a participação foi espontânea e sistemática,

possibilitando a efetivação das regras de funcionamento do grupo.

No início as comunicações dos pais foram precedidas de uma ansiedade persecutória, uma vez que desconheciam os membros do grupo e a própria entidade grupal, mostrando medo em expor seus conflitos e de serem julgados pelo psicólogo-coordenador e pelo grupo. Seguiram a uma situação de frustração introduzida pela coordenadora que, pela sua atitude de escuta e poucos assinalamentos, deixou de dar soluções e permitiu que o grupo as descobrisse por si só. Foram motivados a fazer uso do pensamento e busca de soluções. O clima inicial foi tenso e caracterizado por mecanismos de fuga, cisão, negação e agressividade. A entrada no grupo provocou a falência dos mecanismos habituais de defesa do eu, desencadeando uma regressão massiva dos participantes. Cada pai e mãe confrontou-se com o desconhecido, e esta situação fez com que utilizassem suas defesas mais arcaicas. As comunicações iniciais foram centradas na psicóloga-coordenadora, que ora era vivenciada como bom objeto ora como mal, alternada e sucessivamente. Porém, gradualmente, observamos que na medida que se sentiram seguros no grupo, e as resistências foram vencidas, puderam dirigir suas comunicações para o grupo como um todo, com percurso nos vários níveis de comunicação: experiência subjetiva individual, experiência subjetiva múltipla e comunicação associativa. Desta maneira as reuniões foram enriquecedoras para todos os pais do grupo, já que pareceu trazer elementos para melhor compreensão das relações e vínculos que se estabelecem nos convívios. A vivência grupal também trouxe a possibilidade das pessoas perceberem que suas vidas são dinâmicas, e que há necessidade de rever velhos padrões, criando e aprendendo. Não há curso para aprender a ser pai ou mãe, é um processo contínuo, e faz-se necessário espaço para reflexão. O grupo de pais pareceu propiciar aos integrantes do grupo, o desenvolvimento da capacidade de reflexão sobre o que vivenciam e o reconhecimento de fatores que não observavam, possibilitando a reestruturação daquilo que parecia pré-concebido. Pudemos observar, acompanhar e analisar este

processo ocorrendo na experiência apresentada neste estudo. No contato com o grupo de pais pudemos compreender suas verdadeiras mensagens e tolerar os momentos em que se desencadeavam os mecanismos destrutivos. Acreditamos que medidas preventivas ou remediativas sejam necessárias em qualquer comunidade. Diante desta riqueza de trabalho nos perguntamos como, em pleno século XX, este tipo de recurso, que se origina na psicoterapia de grupos, ainda seja tão pouco utilizada num país como o Brasil, que tem uma enorme população e tanta necessidade de atenção à saúde. Timidamente têm aparecido novas grupalidades e isto pode mudar com uma nova percepção da realidade e um ajuste nos campos referenciais teóricos.

Com esta experiência apresentada, acreditamos cada vez mais, que o trabalho com grupos possibilita transformações e crescimento das pessoas.

BIBLIOGRAFIA

ANZIEU, D.. *O grupo e o inconsciente: o imaginário grupal*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.

BÈJARANO, A.. "Resistência e transferência nos grupos". In: Anzieu, D. et al *O trabalho psicanalítico nos grupos*, Lisboa: Moraes, 1978.

BION, W. R. *Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. São Paulo: Imago e Edusp, 1975.

COELHO, A.. *Cuidando dos cuidadores: uma experiência institucional com grupo de pais de adolescentes*. Dissertação de Mestrado à Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 1997.

DELAROSSA, A.. *Grupos de Reflexion*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1979.

KAËS, R.. *El aparato psíquico grupal*. Barcelona: Granica, 1976.

MOREIRA, M.J.. *O grito dos drogados*. São Paulo: Lemos, 1996

SOIFER, R.. *Psiquiatria infantil operativa: psicologia evolutiva e psicopatologia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992

TÉRZIS, A.I.. "Experiências sobre a instituição acadêmica: um modelo de intervenção". *Rev. da Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo, ABPAG*, 3: 76, 1996.